

A transgressão na representação feminina de Dalton Trevisan

Rosangela Nascimento Vernizi

Psicóloga. Mestranda em Letras Estudos Literários

RESUMO

Este artigo analisa a questão da representação feminina na obra de Dalton Trevisan, enfocando o romance *A Polaquinha*, editado em 1985. Assim, a proposta deste estudo é examinar a trajetória erótica e transgressora da protagonista, observando suas articulações com as diretrizes da sociedade patriarcal, bem como uma breve análise comparativa deste percurso com outras personagens femininas da literatura.

Palavras-chave: Dalton Trevisan, representação feminina, patriarcado.

ABSTRACT

This article analyses the question of feminine representation in the work of Dalton Trevisan, and for doing so its focus on the romance *A Polaquinha*, published in 1985. Therefore, the proposes of this research is to investigate the protagonist's erotic and transgressor trajectory, observing the articulations with some theoretical basis of patriarchal society, as well as a briefly comparative analysis of this trajectory with others feminine personages of the literature.

Key-words: Dalton Trevisan, feminine representation, patriarchy.

A transgressão na representação feminina de Dalton Trevisan

Rosangela Nascimento Vernizi

Psicóloga. Mestranda em Letras Estudos Literários

e está dividido. A mulher não casada e a virgem cuidam das coisas do Senhor para serem santas, tanto no corpo como no espírito; a casada, porém, cuida das coisas do mundo, em como há de agradar ao marido. (BÍBLIA SAGRADA, I Coríntios 7:34)

Destino inquestionável por centenas de anos: ou a mulher é santa, pudica, sem desejo algum ou então casa-se, aniquila seus desejos e dedica-se totalmente a satisfazer os prazeres do marido.

O apóstolo Paulo, quando escreveu a primeira Epístola aos Coríntios, deixou claro, em vários trechos, a condição subalterna da mulher na sociedade. Porém, ele não foi o precursor destas idéias, nem tampouco o único a difundi-las em nome do Cristianismo, no entanto a Igreja tem e sempre teve grande influência na degeneração e quase nulificação da mulher na sociedade.

O patriarcado vigora firme e forte há centenas de anos, não há como negar sua eficácia em moldar os costumes e a cultura de quase todo o mundo, principalmente no que tange aos desejos, ao prazer, ao erotismo, à sensualidade, enfim, à sexualidade feminina.

A sexualidade feminina – nos moldes da cartilha do patriarcado – não é uma sexualidade vivida, mas sim uma sexualidade reprimida, porque cabe às mulheres:

serem moderadas, castas, operosas donas de casa, bondosas, submissas a seus maridos. (BÍBLIA SAGRADA, Tito 2:5)

Embora a mídia e alguns comportamentos atuais indiquem o contrário, pode-se observar o quanto ainda é valorizado um comportamento contido por parte das mulheres, ou seja, muito pouco mudou desde o *Novo Testamento*.

Dentre as repressões à sexualidade feminina nada é mais reivindicado e valorizado como uma grande virtude que a castidade: ela encerra de forma conclusiva que a mulher não tem direito ao prazer. Ao homem a castidade feminina instiga:

A hesitação do macho entre o medo e o desejo, entre o temor de ser possuído por forças incontroláveis e a vontade de captá-las, reflete-se de maneira impressionante nos mitos da Virgindade. Ora temida pelo homem, ora desejada e até exigida, ela se apresenta como a forma mais acabada do mistério feminino; é o aspecto mais inquietante deste e ao mesmo tempo o mais fascinante. (BEAUVOIR, 2000. p. 194)

O prazer feminino ainda é um enigma, muitas teorizações, muita especulação, muito desconhecimento do próprio corpo e conseqüente ausência de prazer na vida de muitas mulheres: as diretrizes do patriarcado continuam extremamente eficazes.

Embora tabu, o erotismo feminino é e sempre foi demasiadamente explorado sob diferentes enfoques. O corpo feminino, sua sensualidade provocam, podendo levar o homem à perdição, ao pecado.

Em meio a costumes e condutas morais tão arraigados, tão difundidos seja pela história ou pela ficção, quem se arrisca a viver de forma diferente?

A Polaquinha, de Dalton Trevisan, tentou.

Bobinha, de mim já não falo.
(TREVISAN, 1986, p. 5)

A narrativa em primeira pessoa já se inicia demonstrando o caráter dúbio da protagonista, pois embora empregue uma negativa “*de mim já não falo*”, antes ela já havia falado dela própria: “*Bobinha*”. Boba, mas nem tanto. Ao empregar ironicamente o “*bobinha*”, adjetivo que carrega em sua etimologia o “ser tolo”, simplório, insignificante, além do diminutivo que concretiza ainda mais essa insignificância, denota estar implícita uma pretensa intenção em demonstrar ingenuidade diante de toda sorte que marca sua trajetória.

A frase em negativa, precedida do adjetivo diminutivo, pode ser entendida como uma afirmação, suprimindo-se assim o “*não*”, devido ao caráter irônico que a antecede – “*de mim já falo*” – sim, ela quer falar dela, e *já* tinha falado quando do “*bobinha*”.

Mas o que a Polaquinha quer falar?

O mais flagrante é que ela quer falar de seu percurso. Percurso que se inicia no título do romance – A Polaquinha –, ou seja, há uma etnia implícita, além do emprego do diminutivo.

A figura da polaca pode ser encontrada em muitos outros textos de Trevisan, sendo que a expressão *polaca* tanto pode ser a colona dos tempos pré-industriais, como também uma meretriz, o que de uma forma ou de outra era um adjetivo que desmerecia quem o ostentava, devido ao preconceito que os curitibanos e imigrantes de outras etnias, tinham pelos poloneses.

Porém, o início da trajetória erótica da Polaquinha não faz de sua etnia um agravante, ela, como qualquer menina pré-adolescente, faz suas descobertas com medo e curiosidade. No entanto, levando-se em consideração as representações simbólicas intrínsecas ao codinome, a Polaquinha não goza de muitas facilidades para viver, fazendo jus aos preconceitos que permeavam sua etnia. “Ser polaca”, loira, era um atributo nunca ignorado por seus amantes, seja chamando-a de *polaca*, *polaquinha* ou *loira fatal*, assim, a etnia traz de uma forma ou de outra uma marca, uma diferença no desenrolar de sua trajetória. Entretanto, o que a distingue desde o início, é a impetuosidade que a impulsiona na busca por prazer:

*eu tremia de gozo (...) Morria de vontade que me pegasse no seio. (...)
Queria mais (TREVISAN, 1986, p. 5 e 7)*

Ela sabe da proibição que permeia os contatos sexuais às mulheres solteiras e, sobretudo muito jovens, sabe que a qualquer momento poderia aparecer alguém e a repreensão seria inevitável, e para marcar isto aparece o medo da protagonista em relação à figura da mãe:

*Um olho nele, outro na mãe dormindo. Se ela acorda, já pensou?
Se minha mãe sobe a escada, já viu?
Se a mãe chega de repente, já viu? Eu grávida... Os dois, menores!
(TREVISAN, 1986, p. 7; 8 e 10)*

Porém, nada era empecilho, pois a curiosidade em experimentar algo ainda insólito em sua vida era maior.

Assim como a Polaquinha, a *Bela Adormecida* também era muito curiosa, também subiu escadas, e lá no alto encontrou o fuso, o objeto proibido ao qual ela não resiste em tocar. Feriu-se e assim foi cumprida a maldição deixada pela fada velha que não foi convidada para o *banquete*, banquete este que aconteceria após a cerimônia do *batismo* (BETTELHEIM, 2004, p. 273).

O batismo, presente em diversas religiões, é uma prática ritual de lavagem com finalidade de purificação e iniciação. Ora, a fada velha não podia mesmo participar do banquete, assim como as mães não participam da iniciação sexual de suas filhas. Assim, marcadas pela forte tradição patriarcal de que as mulheres devem manter-se castas até o casamento, *amaldiçoam* qualquer iniciação sexual que aconteça antes das núpcias da filha.

A versão de Perrault também enfatiza que a fada velha já estava há mais de cinqüenta anos trancada em uma torre e todos a julgavam morta e desencantada. Velha, trancada, morta e desencantada, ou seja, não têm mais beleza, fechada aos prazeres e não atrai, nem deslumbra mais por suas qualidades, características bastante apreciadas em mulheres casadas, seguidoras das leis do patriarcado. Vivendo em uma época conservadora¹, a mãe da protagonista não era diferente, o que fica evidenciado no seguinte trecho em que a Polaquinha resolve sair para jantar:

*(...) Nunca tinha jantado com um doutor. (...)
Tremendo de medo: minha mãe será que deixava?
(...) o carrão diante da porta. Ele não desceu. Minha mãe chorou e se descabelou:
– Sair com um desconhecido. Onde já se viu? Decerto casado. À noite, ainda mais.
(TREVISAN, 1986, p. 29)*

A *Bela Adormecida*, alheia à maldição, fere-se no fuso, o que com certeza a fez sangrar, e dorme um sono profundo. A Polaquinha, alheia a qualquer tabu, toma iniciativa em sua primeira relação sexual e tem um encontro implacável com o real de sua condição de mulher:

*(...) Até que consegui, já cansada, cheia de raiva. Bem que foi uma droga: só dor, nenhum gozo. Então era isso?
Ele acabou, levantou, foi para o banheiro. Eu ali jogada, um trapo imundo no canto. Quando voltou, a mão ossuda no peito:
– Você não é mais pura. Não é mais virgem. Nunca foi.
(TREVISAN, 1986, p. 20)*

E por que ele desconfiou de que ela não era mais virgem? Numa segunda relação sexual, ele explica:

*– E o sangue no lençol? Por que o lençol não tinha sangue?
Não se lembrava? Saímos para o restaurante, eu tive de voltar, estava me esvaindo.
– Era outra coisa. Não sangue de virgem.
(TREVISAN, 1986, p. 25)*

Sim, ela sangrou, provavelmente em grande quantidade – *se esvaiu* –, mas ele atribuiu a *outra coisa*, talvez menstruação. O *sangue de virgem* a que ele se referia era um

“*signo específico*”, signo este que a Polaquinha não tinha a oferecer, visto o caráter transgressor de seu comportamento: era uma mulher desejan­te, assumia e vivia isto, sem se ater a *sonos profundos*:

Nunca fui dessas que se deitam para sonhar. De pequena estudando e logo trabalhando. Me estendia podre de cansaço, já desmaiada. Sonhava era na rua, espiando disfarçada a calça de todo homem. Onde os famosos exibicionistas de Curitiba?
(TREVISAN, 1986, p. 12)

Mulheres que derrubam barreiras sociais e morais solidamente sedimentadas pagam altos preços por seu pioneirismo, assustam os homens já tão acostumados com as diretrizes da sociedade cristã que louva a mulher casta, tal qual Virgem Maria, que gerou o filho de Deus, e manteve-se virgem segundo a tradição Cristã. Desta forma, uma mulher que *toma a dianteira*, que põe em prática seus desejos transforma-se na antítese do que é esperado dela, além do que o recato e a inocência incitam o homem a desejar ainda mais uma mulher. A pureza das jovens virgens alimenta o desejo masculino de se tornar o primeiro a desfrutar desta castidade. Daí o desprezo de João:

– Teu seio é muito pequeno. Tua perna, muito fina. Não fui o primeiro. Me conte quem foi. Aquele teu primo?
(TREVISAN, 1986, p. 24)

O príncipe encantado João não a salvou, continuou encantado: doente e repugnante assim como nos contos de fada em que os príncipes são sapos ou outros animais antes do desencantamento. No entanto, a Polaquinha continuava adormecida em seu amor:

A vergonha do pobre João: ser magro. E feio, os dentes todinhos tortos. (...) Minha paixão era a mesma. Paixão, não, que é passageira. Amor.
(TREVISAN, 1986, p. 10 e 11)

E ainda:

(...) Abria o baú, olhava o enxoval. As bolas de naftalina cada vez menores. Você pode gostar de alguém só osso? Sempre com falta de ar, que não sara nunca?
(TREVISAN, 1986, p. 26)

Embora nutrisse esse *amor* por João, tivesse sonho de casar-se – tinha enxoval, já tinha ficado noiva em segredo –, não era só isso que desejava para si, ela desejava

prazer, desta forma abdicou de seu sonho de casar-se já que este não estava em comunhão com seu desejo de prazer:

Mesmo se ele quisesse, eu não casava. Muito me ofendeu. Ciumento demais. Seria marido chifrudo. Nunca me deixou gozar (...).
(TREVISAN, 1986, p. 26)

Assim ela parte em busca do que realmente quer: chora os maus tratos de João nos braços de Tito, seu segundo amante.

Interessante observar que Tito é o único homem que não a chama pela alcunha de polaca ou polaquinha, mas sim loirinha, loira fatal. Assim sendo, ele a via de modo diferente dos demais homens que aparecem no romance, e é o único que em momento algum a trata de forma pejorativa. Casado e com dois filhos, ele se apaixona realmente pela Polaquinha, inclusive propondo largar a esposa e os filhos para ficar com ela. No entanto ela não se sente atraída:

Não é engraçado: muita adoração te deixa um tantinho enjoada? Fiquei de dar uma resposta.
(TREVISAN, 1986, p. 24)

É exatamente neste momento que surge a oportunidade da protagonista unir-se a alguém que realmente nutre por ela algo de mais concreto, que aparece a figura de seu pai, anteriormente apenas citado numa conversa com João sobre as cores e formatos do pênis. E ele surge para atrapalhar, ou melhor, como um subterfúgio usado pela Polaquinha para mais uma vez escapar do casamento, ou qualquer forma de comprometimento afetivo.

Recebi telegrama: meu pai morrendo no sanatório. Viajei às pressas, ao Tito nem pude contar.
(TREVISAN, 1986, p. 24)

Este comportamento da protagonista pode estar denotando ser ela avessa a enquadrar-se em relações e situações socialmente aceitas. Num forte desejo – talvez inconsciente – em transgredir, ela diz que não *pôde* contar a Tito. É claro que, se ela o amasse, o desejasse, teria avisado. Porém, ela preferiu ir para junto do pai à beira da morte.

Partindo deste comportamento da Polaquinha, pode-se estabelecer relação com o conto *A Bela e a Fera*, particularmente no momento em que a *Bela* abandona a *Fera* para ir visitar o pai doente.

Bela apenas aceitou morar com a *Fera* para proteger o pai, poupando-o de ser castigado pela *Fera* por ter roubado uma flor: não era seu desejo permanecer naquele castelo, por mais bem tratada que fosse, como também a *Fera* não lhe despertava paixão. Com a Polaquinha e seu amante Tito a relação também é de comodismo por parte dela, não de desejo:

Numa festinha conheci o Tito. Tanto insistiu, aceitei encontrá-lo. Delicado e paciente, elogiava o meu vestido, o cabelo. Roubava um beijinho na despedida.
(TREVISAN, 1986, p. 18)

Relacionar-se com Tito era uma forma da Polaquinha salvar sua auto estima, esta já bem destroçada por seus rompantes transgressores na relação com João, mas não era só isso: sua busca incessante pelo clímax sexual continuava. No entanto, novamente frustrada depois da primeira relação sexual com Tito:

Senti prazer, mas não gozei.
(TREVISAN, 1986, p. 20)

Assim, no momento em que ele lhe propõe algo mais sério, ela vai visitar o pai, deixando-o preocupado:

Três dias depois, ele foi atrás. Tão aflito capotou o carro numa curva. Por milagre escapou. Meio torto, mancando e gemendo, não sei o que na coluna. Foi se arrastando me procurar.
(TREVISAN, 1986, p. 24)

Abandonado, Tito, assim como a *Fera*, também adoece com a partida da Polaquinha. *Bela*, porém, se compadece e sente-se seduzida pela *Fera* por sua bondade, volta ao castelo, dedica-se a cuidar da *Fera* e ao agir assim quebra o encanto, surgindo o belo príncipe com quem se casará e viverá feliz para sempre. Ou seja, o conto cumpre o enredo proposto à maioria das jovens: encontrar um homem, dedicar-se a ele sob qualquer circunstância, e mesmo sem sentir paixão ou desejo, a jovem deverá viver com ele para sempre, bastando apenas que ele a “trate bem”. Embora gostasse, a Polaquinha não queria apenas ser bem tratada, e para azar de Tito ela não agiu como *Bela*; mais uma vez transgrediu: não se compadeceu, não cuidou dele, não o visitou quando ele estava doente.

*(...) Pior da coluna, precisa operar. Seis meses de repouso. Sei lá, colete ortopédico. Só ligava quando estivesse curado. Nunca mais me chamou. Será que não ficou bom?
(TREVISAN, 1986, p. 27)*

E a pergunta fica no ar. Ela não demonstra real interesse numa resposta, não voltou ao castelo como fez *Bela*, não se preocupou, e o texto acima deixa claro o descaso da protagonista para com quem a tratou bem. E o que será que faltou? Faltou em Tito despertar o lado erótico da Polaquinha; Ele lhe dava muita coisa, mas não o que ela buscava, e o trecho abaixo confirma isso:

*Não é engraçado – ele nunca me cantou? Grande bobo, quem te respeita. Não sabe o que está perdendo.
(TREVISAN, 1986, p. 110)*

João e Tito não *despertaram* a Polaquinha. Porém ela não desistiu de sua busca. E, como faz a maioria das pessoas que têm um problema a resolver num momento de crise, ela procura um advogado, e encontra seu terceiro amante: Nando.

*Crise no hospital, o salário atrasado, que seria de mim? Decidi consultar um advogado.
(TREVISAN, 1986, p. 28)*

Interessante observar que o momento e os pretextos usados para a Polaquinha procurar um advogado coincidem com uma falta, falta esta que ela atribui novamente ao João:

*De olho vermelho: tinha chorado horrores. Não apenas o salário, mas o João que não escrevia.
(TREVISAN, 1986, p. 29)*

A falta é a mola propulsora do desejo, e como explicita o trecho acima não era exatamente pelo salário atrasado que ela procurava um advogado, e a crise não era só no hospital, pois o que a incomodava tanto era seu desejo ainda não satisfeito, a falta que permeia todo ser humano e o impulsiona na busca de coisas que considera de urgência vital, o objeto perdido nunca alcançado.

E é nesta posição de inacessibilidade que ela coloca João: ele sempre é colocado como algo que está no lugar do impossível, não está ao alcance da Polaquinha: ele não escreve, não a elogia, não casa, é a metáfora do *não* que delinea a trajetória da

protagonista. No entanto ela não o esquece, o objeto não alcançado que a impulsiona em sua busca: o gozo sexual.

Perturbada pela *falta* de salário, e também triste pela *falta* de cartas do João, ela decide resolver seus problemas e busca um advogado, pessoa que defende os interesses de outra pessoa, que protege, bem como alguém que detém o saber sobre leis, resolve impasses, um doutor, ou seja, alguém bastante coerente às circunstâncias a que protagonista está envolvida.

Neste momento também surge um corte, uma linha divisória que quebra sua condição de adolescente curiosa e inaugura os primeiros alicerces da Polaquinha mulher:

Primeira vez à minha mãe eu disse não.
(TREVISAN, 1986, p. 30)

Ela diz não à mãe, figura que no texto aparece sempre como a detentora da moral na casa, aquela que traz o signo da proibição, do que pode e não pode uma moça solteira fazer.

Porém, há uma outra mudança importante neste período: a protagonista já não age mais movida por uma curiosidade ingênua, outros detalhes começam a interessá-la:

Não tinha pressa, feito o João ou o Tito: sabia escutar. Me fez sentir importante. Com ele estava protegida. O primeiro homem que me compreendia.
(TREVISAN, 1986, p. 30)

Os atributos que diferenciaram Nando dos outros amantes são atributos observados por mulheres mais maduras, o que pode estar denunciando um amadurecimento da Polaquinha; Ela agora está buscando um homem real, não apenas alguém que lhe satisfaça curiosidades anatômicas.

Devido a toda nossa herança patriarcal e religiosa, não é visto com bons olhos mulheres que desacatam leis morais, que desobedecem e tentam ir além daquilo que lhe é imposto por sua condição de mulher, e a curiosidade é um dos atributos que numa mulher soa pejorativo. Um homem curioso é visto como alguém erudito, inteligente, que busca conhecimento, ao passo que a curiosidade feminina é sempre aviltante, sempre remetendo a Eva, que por sua curiosidade, sua sede em saber, levou toda humanidade ao pecado. No trecho a seguir da epopéia *Paraíso Perdido*, Milton coloca de forma clara a ânsia de Eva ao questionar a serpente sobre a “árvore proibida”:

*Porém diga-me, essa árvore... onde a viste?
Está longe daqui? Tão várias, tantas, (...)
(MILTON, 2002, p. 334)*

E a Polaquinha, tal qual Eva, também é curiosa em relação ao *fruto proibido*:

*Como é o gozo? Me explique, Nando.
(TREVISAN, 1986, p. 34)*

Essa nova relação da protagonista – outro homem casado, novamente há um empecilho para o casamento – faz com que ela já consiga expressar de forma mais clara o objeto de sua busca: o gozo. Uma vez verbalizado de forma clara o que ela deseja conhecer, seu verdadeiro alvo, ela toma as rédeas da situação, e atinge o objetivo:

*Fui por cima, era a primeira vez. De repente aquele arrepio na espinha da alma. (...) Toda a tremer – seria um ataque? (...) Bem bom. Me sinto leve. Se derrama dentro de mim. Não sei o quê. Estou voando... fora do avião. (...) Dona do meu corpo já não era. (...) nunca tinha sentido antes.
(TREVISAN, 1986, p. 35 e 36)*

A descrição que a Polaquinha faz de seu primeiro orgasmo é semelhante ao prazer experimentado por Eva após comer do *fruto proibido*:

*Julga então que deleite semelhante
Jamais em fruto algum tinha provado;
Seria assim, ou foi a fantasia
Que, pela forte expectativa da ciência,
Fez-lho assim conceber escandecida:
Crê já que se ia transformar em Deusa!
(MILTON, 2002, p. 341)*

Eva acredita transformar-se em Deusa, a Polaquinha torna-se *mulher*. Contudo o que poderia significar o início de uma nova e melhor vida para ela, é o princípio da ruína da relação, como bem prevê Nando:

*– Sabe o que é mais triste? (...) O dia em que esteja pronta. E for mulher completa. Nesse mesmo dia (...) você me deixa.
(TREVISAN, 1986, p. 39)*

E a queda do paraíso está próxima, e assim como Eva a Polaquinha será a culpada pela decadência, pois não cabe à mulher o saber, o conhecimento, mas sim estar

continuamente numa posição de submissão, e se ela se antecipa a inovar, a demonstrar domínio:

– *Quem foi que te ensinou?*
(TREVISAN, 1986, p. 42)

O saber feminino é sempre motivo de desconfiança, de traição, pois o inconsciente masculino – e também a sociedade como um todo – está por demais impregnado pela conotação pecadora de Eva.

Em meio às turbulências da desgastada relação com Nando, somada à falta de dinheiro, ela conhece a cafetina Olga que começa a iniciá-la no meretrício, e como bem observa Miguel Sanches Neto “este período marca o começo do aniquilamento da busca do prazer e da ascensão social” (SANCHES NETO, 1994, p. 35).

(...) *Passei a contar com aquele dinheiro (...)*
(TREVISAN, 1986, p. 62)

Ela não é mais a mesma, sua mira agora aponta para uma nova direção: ela precisa simplesmente sobreviver. E é nesse ambiente totalmente influenciado por ciúmes, brigas, traição e principalmente desilusão por parte da protagonista que sua relação com Nando chega ao fim.

O sonho acabou, a ilusão perdida, o fim de tudo (...)
(TREVISAN, 1986, p. 66)

Porém, antes de desistir completamente de sua busca por prazer, ela ainda inicia um novo caso: Pedro, um motorista de ônibus grosseiro e exibido “o triste conquistador barato” (TREVISAN, 1986, p. 72).

É interessante notar que ela tenta evitar essa relação, como que prevendo a queda, no entanto logo no primeiro encontro:

(...) *já sou escrava. Para sempre. Desde aquele instante. De mim o que bem quer.*
(TREVISAN, 1986, p. 90)

Ao se intitular “escrava”, a Polaquinha já instaura uma nova vida de total decadência, pois o substantivo *escravo* tem por acepção aquele que, privado da liberdade,

está submetido à vontade absoluta de um senhor, ou a alguma força incontrolável, um serviçal, e é exatamente isso que acontece à ela: torna-se totalmente submissa a Pedro, pois mesmo explorada, machucada, ela sente atração pelo motorista, ou seja, este amante passa a ser o portal de entrada da protagonista na prostituição. A ela não é interessante uma vida de submissão, de dona de casa, cuidando de marido e de filhos. Tanto que, a última frase da Polaquinha, antes de iniciar a narrativa dos últimos sete capítulos dedicados a sua profissionalização como prostituta, é a seguinte:

*Já viu, cara. A grande Miss Bundinha de Curitiba. Meu futuro com ele?
O tanque de lavar roupa.
(TREVISAN, 1986, p. 135)*

A relação com o motorista Pedro pode ser vista como uma metáfora de sua iniciação num universo em que carrascos e vítimas se misturam, pois “o riunfo da prostituta se dá porque ela usa a sua sexualidade com fins não eróticos. É através do artifício de assumir os desejos dos fregueses que ela explora os seus pontos fracos, fundando um império autônomo dentro de um mundo onde figura como vítima.” (SANCHES NETO, 1994, p. 65)

Seria a Polaquinha vítima das condições pejorativas que afligiam sua etnia e sua condição social?

Nem vítima nem carrasca, somente uma mulher que driblou as circunstâncias com a arma mais poderosa que tinha: seu erotismo, e não se submeteu à inabalável moralidade patriarcal que aprisiona e impede a mulher de desejar, de conhecer sua sensualidade e obter prazer. Afinal, como bem sintetizou Eva momentos antes de comer do *fruto proibido*:

*Como sei eu o que temer me incumbe,
Se ignoro o bem e o mal, se não entendo
Nem lei, nem punição, nem Deus, nem morte?!
(...) Colhê-lo, e por igual a mente e o corpo
Com ele alimentar, quem me proíbe?
Assim dizendo, (...)
Ela o toca, ela o arranca, e logo o come.
(MILTON, 2002, p. 340)*

Eva transgrediu uma lei divina e condenou toda a humanidade ao pecado. A Polaquinha transgrediu em toda a sua trajetória erótica na busca por prazer e condenou a si

própria à prostituição, que, apesar do seu caráter devasso, é uma profissão que pode, com algumas exceções, trazer liberdade e poder.

Será que ela conseguiu conquistar realmente o que queria? Impossível saber, pois o final enigmático deixado por Trevisan dá razão à Polaquinha quando ela diz:

Você nunca sabe nada de ninguém
(TREVISAN, 1986, p. 68)

NOTAS

¹ O romance não deixa claro o tempo em que ocorrem os fatos narrados, mas alguns comentários da protagonista nos dão alguma pista: *no tempo da toalinha* (p.5), *no tempo das calças justas* (p.6) e *no começo do rock* (p.15). Sem muita precisão podemos perceber que a trajetória erótica da Polaquinha foi vivida do fim da década de 1960, durante a década de 1970, e muito provável ainda no início da década de 1980.

Referências Bibliográficas

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- BÍBLIA SAGRADA – tradução de João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil, 1957.
- CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. In: A personagem do romance. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. 7^a ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- MILTON, John. *Paraíso Perdido*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.
- PERRAULT, Charles; DORÉ, Gustavo. *Contos da mamãe gansa*. ed. bilíngüe, Porto Alegre: Paraula, 1994.
- SANCHES NETO, Miguel. *O artifício obsceno: visitando a polaquinha*. Ponta Grossa (PR): Centro de Publicações, 1994.
- TREVISAN, Dalton. *A Polaquinha*. 7^a ed., Rio de Janeiro: Editora Record, 1986.
- WALDMAN, Berta. *Do vampiro ao cafajeste*. São Paulo: Hucitec, 1982.